

O PROLETÁRIO

Nº 65
Junho de 2007

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

23 de Maio: UNIDADE OU CASAMENTO	01-02
APEOESP	03- 06
A CRISE CAPITALISTA E A LUTA DOS TRABALHADORES	07- 10
CONSTRUIR OS COMANDOS DE BASE	10- 12
Chamamento do Conselho de Cooperações de organizações e ativas do movimento operário iraniano	12- 15

Adquiram as Resoluções do IX Congresso da Organização pela Construção do Partido Operário Marxista como Seção do Partido mundial da Revolução Proletária (POM)

Vejam:

- Sobre a conjuntura política;
- Bolívia e América Latina;
- A Barbárie e seus aspectos;
- A agonia do Capitalismo arrasta-se, levando a humanidade para a barbárie, em decorrência da crise histórica da direção do proletariado;
- A política que se denominou stalinista;
- Algumas citações de Trotski sobre as Frentes Populares: O maior grau de importâncias assumidas no atual momento pela política de frentes populares;
- Uma Central amarela que semeia frente popular em todo o planeta;
- Da Organização pela construção do Partido Operário Marxista;
- Das conformações com o regime, ideologia e sua política;
- Do Partido Programa: Da formação do militante;
- Da intervenção na luta de classes;
- Da organização dos Comandos de Base (interfabricas, Movimento Estudantil e Popular);
- Da divisão do trabalho e as Células: O combate à divisão do trabalho no seio da construção partidária (como sendo o combate a propriedade privada dos meios de produção); Reformas do Capital; A atualidade do marxismo; A história das sociedades é a história da luta de classes;
- Movimento operário internacionalista; Pontos de programa para intervenção concreta.

Contatos: Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

O “23 de maio”, convocado pelas entidades sindicais (CUT, Força Sindical, Intersindical, Conlutas, MST, UNE e etc), partidos, diversas organizações e movimentos sociais pretendia significar aos *eleitores* em geral um dia nacional de luta e reorganização dos trabalhadores, contra as reformas e contra a atual política econômica. Mas o que se deu foi mais um capítulo do conturbado e escandaloso *casamento* das entidades da representação burguesa com as

ambiciosas e renegadas direções do movimento operário e popular. Neste dia convergiram, por imagem e semelhança, esta leva de correntes que se postulam diante da classe trabalhadora como a alternativa ao regime, à miséria e ao governo que tanto nos assola. Realmente almejam estas correntes, o mérito por tentar agrupar a maior manifestação em protesto das últimas décadas, ainda que sem consistência e combatividade o teor de sua jornada.

Logo dá-se a aparência de que a fórmula mágica da unificação e unidade artificial pode levar à milagres no quadro nacional. Mas, qual é o verdadeiro potencial e propósito da aglomeração de trabalhadores que lutam e resistem sob uma falsa bandeira, em trincheiras verdadeiras, com outro inimigo as suas costas?

Inimigos de classe!... Pois, se indagado pela assembléia “unificada” dos trabalhadores nesta ocasião quem são os seus algozes e os co-responsáveis de sua revolta, acusariam-se (tais direções) umas as outras em cima dos carros-de-som.

- Porque um faz manifestações e atos de grande porte em defesa do governo que promove estas reformas em detrimento dos trabalhadores (PT/CUT/Força Sindical).
- Porque outro “questiona” a truculência deste governo enquanto aprovaram no Congresso Nacional o SUPERSIMPLES (EMENDA 3) – às costas dos trabalhadores, que flexibiliza e revoga o direito conquistado pelos trabalhadores, como foi o caso do PSOL..
- Porque um terceiro se condiciona a combater tais projetos, reformas e saques atrelado até o miolo com estes mesmos que se digladiam pelos corredores do parlamento à procura de poder (PSTU/Conlutas).
- Porque muitos seguem-lhes denunciando e trilhando, todavia, o mesmo caminho.

Pois são concorrentes que atuam na luta de classes compartilhando o mesmo programa de traição: de negar a **ação direta das massas** (em suas greves, piquetes, tomada das ruas, ocupações de terras e do patrimônio do povo) como principal instrumento de luta. Denunciamos estas correntes que negam na prática diária a **democracia operária** como gestora da política operária (assembléias soberanas e deliberativas; a importância dos comandos de base e conselhos de fábrica; a revogabilidade e rotatividade das direções executivas impostas e depostas pelas assembléias; a proporcionalidade direta e qualificada nas organizações operárias e etc); Que estas correntes falam de Socialismo em dias de festas mais negam a

construção mesmo embrionárias de organizações **tipos soviets** como organismos de poder capazes de confrontar-se ao capital; Que estas correntes aboliram a **lógica marxista** — materialismo histórico e dialético — como a política irrefutável para o verdadeiro combate ao capital e não somente sobre seus reflexos retalhadores sobre a população explorada.

O **milagre** no quadro nacional se refere a clamar por uma outra política econômica nos marcos do capitalismo, sem evidenciar que a este regime não é possível reformar, emendar ou amenizar suas medidas melhorando a qualidade de vida dos trabalhadores explorados. Ele deve perecer. Deve-se desmentir: o milagre de auditagem da *dívida externa/eterna* e de impor-lhe um limite “aceitável” frente ao imperialismo; o milagre de moralizar o Parlamento e converte-lo em prol da maioria explorada ou supor que esta pode ascender ao poder através deste, pacificamente inclusive; o milagre de barrar as reformas (exigência do capital imperialista) sem construir a *greve geral*, apenas com barulho e caravanas para saldar os figurões como fazem ao Papa.

Marx definiu como socialismo utópico a defesa deste pela via pacífica, consignas não menos traidora é quem reivindica o socialismo científico, mas pratica tais condutas como o pouco aqui elencado. Falta lembrar as traições cotidianas praticadas pelas burocracias sindicais e dos movimentos sociais – sustentadas por estes partidos políticos e entidades pequeno-burguesas –, que impregnam hoje todas as esferas da luta de classes capitulando, traindo, dissimulando, desviando e reprimindo todos os esforços da classe operária, camponesa, estudantil e etc. A renúncia da ação direta das massas, da democracia operária, da construção soviética, da

necessidade de um partido e programa verdadeiramente marxistas não se dá por acaso; pois que tais elementos são um veneno que não pode ser

Para atingir um **propósito** escuso se percorre escusos caminhos. Como o é o pleito da *unidade vendada* que, dissimuladamente, substitui as formas de luta da classe operária e aborta o caráter soviético que propicia a independência de classes de toda luta concreta. Por isso a aliança (a santa-aliança) com todos os organismos que, apesar de boicotarem paulatinamente a coerência na luta de classes, possam render vantagens na disputa de espaço e aparelhos. Assim é a **Frente Popular**, desde o governo até seus apêndices. Ao invés de materializar na luta cotidiana a unidade programática dos operários, camponeses e estudantes — impulsionando seus comandos e conselhos de fábrica, de base, de greve —, a decretam nas cúpulas da traição operária. Na *Frente Popular*, não há de se falar em expurgar — através desses conselhos de base, de luta — o burocratismo reformista dos sindicatos e organizações operárias; mas de recrutá-los como a mercenários.

O **potencial** dessa política não vai além — e nada mais é do que o reflexo — do calendário, cronograma, ou seja, lá como queiram chamar, do “plano de luta” traçado por essa Frente Popular no último “1º de Maio” de cada uma dessas vertentes do reformismo. Seja *rifando apartamentos, fazendo shows, marchinhas* ou até *rezando*. 1º de Maio não é 1º de Abril e as reformas não são de brincadeira. Combatê-las significa confrontar-se com os governos, com os patrões, com os banqueiros, com o imperialismo. Isto não se dá com flores e com pressão sobre o Parlamento e parlamentares (acredite, a necessidade imperialista os pressiona muito mais). A verdadeira unidade dos trabalhadores, capaz de confrontá-los, são os Soviets; que dotados de sua desembaraçada combatividade (desembaraçada das burocracias e da política pequeno-burguesa) podem e devem quebrar a estrutura do capital.

Mas se o 1º de Maio tem somente a função de catalisar e demonstrar a condição em que se encontra o movimento operário, então serviu ao seu fim. Observamo-os, como resultado de várias encenações de combatividade dos partidos burgueses e pequeno-burgueses, a unificação de todos estes no

administrado com segurança no programa pequeno-burguês.

mesmo balaio-de-gatos; a proporem suas caravanas, suas auditorias, seus abaixo-assinados, seus paredões de parlamentares desertores (e não são todos?) e suas frentes eleitorais. Tal é a situação do movimento operário, camponês e popular hoje: uma severa crise generalizada de direção que a despeito da miséria, repressão, revolta e disposição de luta das massas (as condições objetivas imprescindíveis à mudança) aboliu há muito tempo o caráter revolucionário dessas demandas.

Enfim, as **trincheiras** são verdadeiras; visto que estas condições materiais de suplício dos explorados só tende a piorar. As reformas e pacotes econômicos saqueadores não são exclusividade de nosso país. Fazem parte da *reestruturação mundial do trabalho*, empreendida no mundo inteiro como uma consequência da deterioração do sistema capitalista em sua fase imperialista, dado a intensidade de sua crise estrutural: a crise de superprodução; de conflito entre relações de produção com a propriedade privada dos meios-de-produção e a acumulação individual da produção coletiva. A destruição dos direitos sociais é uma necessidade para um capital que deixou de crescer (porque, para tanto, necessita explorar, empobrecer e destruir forças produtivas) e se deteriora. Manter os benefícios sociais (benefícios previdenciários, 13º salário; férias; licença maternidade; seguro desemprego; “carteira assinada” e outras garantias trabalhistas) e o resto de liberdade de organização desses insatisfeitos, desesperados e revoltosos trabalhadores é inconveniente aos propósitos do capital.

Estar nessas trincheiras da luta de classes requer um pouco mais que demagogia, mas a coerência, disposição de luta e a consciência de que construir os Soviets, a Ditadura do Proletariado e o Socialismo — a Revolução Proletária — não se dá capitulando a cada empasse dos explorados, negando e contendo suas formas e instintos de luta, desvirtuando-os sob a miragem do parlamento e do reformismo imobilista.

A burguesia imperialista, devido à crise estrutural do seu sistema decadente – o capitalismo – não permite mais nenhum tipo de concessão à classe trabalhadora, mesmo sendo as reivindicações mais simples: por exemplo, reajuste salarial e melhores condições de trabalho.

O processo de produção no interior das fábricas, nos mais diversos ramos de produção passa já algum tempo por algo que chamamos de reestruturação da produção. O aprimoramento tecnológico traz dois fatores que agravam por um lado a crise de superprodução capitalista, ou seja, a produção aumenta a tal ponto de duplicar, triplicar, quadruplicar,... e, com cada vez menos operários; por outro lado, as condições de vida dos trabalhadores pioram em grau elevadíssimo, pois quando o patrão se propõe a reestruturar o seu processo de produção no interior de sua fábrica, a primeira medida tomada por esse é a de diminuir o número de empregados. Foi isso o que aconteceu na VW com a demissão de mais de 3 mil operários, é isso o que acontece em muitas outras empresas.

Para isso, os argumentos dos patrões e de governos são os mais variados, como do tipo: é preciso reduzir custos. Cá para nós, o capitalismo é um sistema que visa acumulação de capital/riqueza às custas do trabalho coletivo de milhões de operários. Então, se há crise esta tem que ser sanada mesmo que temporariamente e, para tal propósito o ônus dessa crise deve ser, segundo a burguesia, descarregado sobre os ombros dos trabalhadores em geral.

Os governos em geral, eternos fiéis administradores dos negócios capitalistas também trabalham no mesmo sentido, quais sejam: privatizar até a última estatal, fazer reformas burguesas que retirem conquistas do proletariado, controlar as organizações operárias e os movimentos sociais e sindicais, privatizar os serviços públicos como saúde, educação, etc. A palavra de ordem da burguesia, por enquanto, detentora dos meios de produção, através de seus Estados e governos burgueses é: desburocratizar, desregular, descentralizar, desresponsabilizar, etc., e assim o Estado vai se tornando mínimo, ou seja, nenhum compromisso para com os “interesses sociais”, mas total interesse em administrar os interesses da burguesia, como não poderia ser diferente em se

tratando de Estado burguês. Hoje, os Estados burgueses trabalham com dois véis: um para administrar a crise capitalista, a barbárie em que está submetido o proletariado em meio a brutal violência capitalista; dois, para arrecadar os impostos abusivos, centralizá-los ainda mais como forma de controle absoluto, podendo através de leis fazer o que quiser. A criação dos fundos como o FUNDEF, FUNDEB tem também outras conotações, a criação da super-receita e a criação dos fundos previdenciários demonstram esse caráter.

Achando os culpados

A demonstração clarividente da problemática da crise capitalista recai logicamente sobre o proletariado. O Estado burguês vai administrando como pode essa crise sem fazer nenhum tipo de concessão ao proletariado, porém colocando em prática as reformas burguesas que retiram direitos trabalhistas para assim manter o capitalismo em vigor, mesmo que seja por algum tempo; o Estado passa da fase de assistencialista e distribuidor de migalhas para mero arrecadador e controlador de recursos provenientes dos impostos do povo trabalhador, passando a maioria desses recursos para as mãos da burguesia faminta.

Do mesmo modo os partidos políticos também fazem sua parte em favor dos interesses burgueses; até mesmo os partidos como PSOL, dito socialista, trabalham a favor dos capitalistas ao votarem a favor do Supersimples que privilegiou os pequenos e médios empresários no que se refere a isenção de impostos e em contrapartida flexibilizando direitos trabalhistas.

Esses partidos, dentre outros, incluindo o PSTU não se separam do reformismo burguês, nem das instituições burguesas como parlamento e igreja; por um lado defendem o parlamento como estratégia para chegar ao poder e assim tomar medidas radicais como o não pagamento da dívida externa para investir nas áreas sociais, por outro, vivem entrelaçados com os dirigentes da igreja – aparato ideológico da burguesia, porque estes sabem muito bem ensinar a seus fieis proletários a rezar a missa: votem em mim que eu um dia poderei, com a esperança que tenho em Deus, fazer alguma coisa por você.

Então, não passa disso – fazer demagogia com o povo oprimido. Não podem falar de socialismo porque o povo não entende; não podem falar de luta direta greve porque o povo trabalhador não quer fazer; não podem unificar as lutas e os lutadores porque o seu programa é burguês e a burguesia não gosta de enfrentamentos diretos; mas podem falar em estado de greve (o que é isso?); podem

também falar em mobilização, em caravanas estafantes, em pressão parlamentar e etc.

Os burocratas dirigentes das organizações operárias agem assim mesmo, desse jeitinho. Se o governo não atender nossas reivindicações, nós vamos à greve. O governo não atende e nem a greve sai. Apenas ficamos a mercê dos discursos radicais, o que é coisa de burguês, de pequeno-burguês.

De fato estamos diante de sérios problemas: burguesia, partidos políticos reformistas, instituições burguesas, aparatos ideológicos da burguesia e por fim os burocratas das organizações operárias.

Bem, só por isso fica evidente de quem é a culpa, mesmo porque aqui e acolá há lutas diretas, mesmo que isoladas. Isso demonstra que os trabalhadores estão muito descontentes com o que estão vendo acontecer em todo o mundo capitalista: reformas, fechamento de fábricas, desemprego em massa, massacre de inocentes, fome, violência, corrupção, ..., mais pobreza. Essa é a nossa conclusão.

Para resolver esses problemas: priorizar as assembléias, propagar os ideais do marxismo revolucionário entre as massas proletárias, promover a luta direta/greves como primeira estratégia de conquista para as reivindicações proletárias, construir as organizações de base do proletariado, em fim, construir o partido mundial da revolução socialista do proletariado, ou seja, todo poder aos soviets.

A essência dos ataques

Os governos em geral, sejam de direita, de “esquerda” ou de frente popular aplicam a risca as reformas orquestradas pelo imperialismo.

Os exemplos mais evidentes do reformismo burguês aplicado pelo governo Lula/PT, agente do imperialismo norte americano na América Latina, está na segunda e terceira reforma da previdência, na reforma trabalhista e sindical, na reforma educacional, na Lei antigreve, etc. Essas reformas têm dois cunhos: um de retirar as conquistas do proletariado brasileiro em detrimento dos interesses da burguesia imperialista, devido à

crise capitalista instalada em todo o planeta, com conseqüente alastramento da miséria e violência, porém adequando o Estado capitalista a barbárie social. O outro, é de controle do proletariado brasileiro, das suas organizações sindical e popular e da militância revolucionária dos lutadores. Nesse aspecto essas medidas estão sendo implementadas com cunho extremamente fascista.

Esse governo Lula/PT tem se aproveitado do apoio massivo dos trabalhadores por ter sido um trabalhador que ascendeu ao poder burguês, do controle pelos burocratas dos movimentos sindical e popular, para aos poucos e com muita maestria, mesmo em meio à corrupção burguesa, implementar as reformas de interesse burguês.

As táticas são muitas, que vão desde a distribuição de migalhas ao povo mais sofrido até o “combate a corrupção”. Como exemplo de tal maestria temos: bolsa família, bolsa escola, sistema de cotas em universidades particulares e etc. Por um lado vamos enganar o povo trabalhador para que possamos fazer o que o imperialismo e suas instituições nos impôs, por outro, vamos salvar momentaneamente os empresários da educação do ensino superior.

O papel da CONLUTAS na luta dos professores

O desempenho da CONLUTAS desde o seu nascimento tem sido vergonhoso, pois em nada se diferenciou da CUT/PT governista. A política com discurso radical de contra as reformas ainda não saiu do seu material de propaganda e nem vai sair, se depender do programa reformista do PSTU, do PSOL e suas variantes.

Um objetivo está muito claro para nós: basta verificar como e com que propósito estão sendo feitas as alianças com a Intersindical e até mesmo com a CUT para construir um grande movimento de pressão parlamentar e de fazer com que o governo Lula/PT mude sua política econômica, coisa típica do reformismo burguês. Uma só estratégia: uma nova frente popular e eleitoreira para mais adiante conciliar com a burguesia imperialista e promover mais

reformas capitalistas. É uma necessidade da burguesia ter governos de frente populares. É uma necessidade do capital imperialista em crise fazer as reformas de cunho fascista.

Nenhuma esperança na CONLUTAS reformista do PSTU e do PSOL; os reformistas e revisores do marxismo nunca defenderam a tomada do poder burguês pela ação direta das massas; não fazem coro com os marxistas revolucionários pela construção dos organismos de base do proletariado; não fazem propaganda do socialismo científico; não o empreendem.

Nenhuma esperança na construção de frentes de ação direta com a CONLUTAS e Cia, muito menos com o PSTU e com o PSOL e suas variantes.

Ao contrário, a CONLUTAS na Apeoesp encabeçada pelo PSTU, na nossa campanha salarial de 2007 e na luta contra o PLC-30/2007 não encabeçou a luta direta/greve para derrotar o governo Serra, Lula e seus deputados corruptos. Um discurso radical sim, contra Serra, Lula e contra as reformas desses capachos do imperialismo; luta direta não; pressão parlamentar sim; conciliação de classes sim. Durante as várias oportunidades de deflagrar a greve não fizeram senão boicotá-la, adiando-a eternamente até que estivesse votado e assinado a Reforma do Funcionalismo Público do Estado de São Paulo; propondo, simplesmente, o paredão aos deputados que “traíram” a sua confiança.

Como deve ser a luta dos professores para arrancar conquistas

O momento não é mais o de esperar milagres de governos, dos acordos conciliatórios, nem o de trocar de governo no capitalismo. O capitalismo, na sua essência, não permite ganhos reais ao proletariado. Qualquer ganho por parte do proletariado sempre foi por força da luta direta com governos e patrões. O capitalismo não mudou na sua forma de administrar os seus interesses, porém se aprimorou. As formas de luta do proletariado também não mudaram,

pelo menos para os marxistas revolucionários não.

Se com 10, 20, 30 mil trabalhadores com suas atividades paralisadas e em assembleias não é possível discutir a viabilidade da greve como principal instrumento histórico de luta, quando é então que vamos iniciar uma luta que enfrente de verdade os governos e patrões? Quando é então que vamos conseguir assegurar nossas conquistas? Se depender dos reformistas, nunca.

Na atual conjuntura política e econômica mundial não é possível esperar nenhum segundo se quer. A luta direta/greve começa com quem está nas ruas na luta contra os ataques a seus direitos e por suas reivindicações, mesmo que parciais. Nesse sentido, estamos afirmando que a greve carece sim de propaganda, mas acima de tudo de ser construída.

Várias categorias decretaram greve nesse país. Os estudantes e professores da USP são apenas um exemplo. Porque os professores da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo não puderam decretar a sua? Faltou o que, PSTU, PSOL e CONLUTAS?

De fato, para os entes citados acima, a única forma de luta concreta para enfrentar o imperialismo deve ser as eleições, por exemplo.

Foi e são por essas e outras razões os professores desde 2001 só tem sofrido derrotas. E, novamente acabamos de sofrer mais uma com a aprovação do projeto que instituiu pelo governo Serra a previdência pública dos titulares de cargos do Estado de São Paulo.

A política reformista e conciliadora desses burocratas deixou a mercê da demissão, da falta de assistência a saúde e de algumas vantagens milhares de professores admitidos pela Lei 500/74:

A Diretoria da Apeoesp mente para os professores. Mesmo com as emendas incorporadas, o SP-PREV continua na mesma, ou seja, de um jeito ou de outro, cedo ou tarde os OFA acabarão indo para o regime do INSS.

Por isso, defendemos:

- Greve da categoria e demais servidores públicos pela revogação imediata da São Paulo Previdência, por aumento de salário, redução da jornada, melhores condições de trabalho e defesa da educação pública de qualidade;
- Não à municipalização e ao FUNDEB;
- Não à Reforma Universitária
- A luta direta das massas, bem como suas organizações de base;
- A defesa das assembleias como principal fórum de deliberação e do exercício da democracia operária dos trabalhadores;
- A defesa e construção dos organismos superior da classe operária;
- A defesa do socialismo científico e da revolução proletária;
- A defesa da construção da principal ferramenta da classe operária mundial – o partido mundial da revolução;
- Abaixo o capitalismo.

Na Apeoesp, defendemos:

- A continuidade da luta, a construção e decretação da greve dos professores para arrancar na marra as nossas reivindicações;
- A unificação das lutas e dos lutadores, bem como que a comunidade escolar, no caso, participe das assembleias com poder de decisão;
- Abaixo o estatuto pelego da Apeoesp e seus burocratas.

A nossa próxima assembleia será dia 15 de junho de 2007, vão do Masp, Av. Paulista, às 15h.

A CRISE CAPITALISTA E A LUTA DOS TRABALHADORES

O Sistema capitalista vive uma monstruosa crise econômica. Podemos sentir o reflexo desta crise nos dados econômicos relacionados aos EUA e das bolsas de valores do mundo.

No mês de fevereiro 2007, as bolsas de valores de todo o mundo deram mais um importante sinal da profunda crise e denuncia a exaustão do crescimento fictício do capital nesses últimos anos. Uma prova disso é o fato de que a economia dos EUA cresce sobre a base de um acentuado endividamento externo e interno, que já se situa acima dos US\$ 53 trilhões, representando mais de 403% do PIB. Tal situação vem sendo mantida por uma bolha imobiliária, inflada desde 2002, como resultado de uma desesperada política de "crescimento" de uma economia que marcha resoluta para uma depressão na economia real e um *crash* na economia financeira.

O carro chefe do imperialismo mundial realiza manobras perigosas para contrapor o crescimento fictício. Em uma política ousada e perigosa, contrapõem os gastos fictícios com a exportação da guerra, tentando potenciar a base principal da economia americana, tentando contrabalançar o orçamento, por um lado. De outro, adota uma política de rebaixamento do dólar, não é por acaso que esta moeda em relação ao nosso real está caindo, chegando à casa de R\$1,90. A Europa tentou segurar o euro alto, mas também preferiu o caminho americano. O caminho é o de eliminação das barreiras comerciais para os países oprimidos e o fechamento cada vez maior para os países opressores. A manutenção dos privilégios dos países imperialistas de poder arcar com um salário mínimo de, em média, 1000 dólares, está cada vez mais ameaçada, mesmo no seio dos impérios reina os germes da barbárie.

Três são os aspectos que apontam a análise: um primeiro que determina as manobras gerais do grande capital é a monstruosa crise de superprodução. Os baixos salários, desemprego e as péssimas condições de vida das massas no mundo inteiro têm levado este grande capital à busca dos

melhores bolsões para desovar suas indústrias em busca de maior lucro. O globo terrestre ficou pequeno para a sede do capital, tanto para desovar suas corporações, quanto seus produtos. Perambulam com suas corporações em todos os rincões do planeta. A busca do trabalho escravo nos países oprimidos se torna uma realidade. O grande capital manobra a economia com capital fictício. Com as dificuldades na área produtiva, a preferência e facilidade vão para as benesses do capital financeiro, o lucro fácil e crescimento fictício, negociatas e transações jámais imaginadas. Sabem também os capitalistas do perigo dos *crash* com uma economia mundial fictícia, ganham tempo com ela e vão saqueando o mundo.

O grande diferencial é a ausência de uma política independente do proletariado mundial. As organizações proletárias mundial estão, assim como o sistema capitalista, em uma também monstruosa crise, sem igual. Está aí o fôlego do grande capital, reside aí a sobrevivência dos capitalistas e seu regime, mesmo em agonia.

Essa crise de feição dupla já não poderá mais seguir absorvendo as exportações da Índia e do Japão e nem manter o alto índice de crescimento da economia chinesa por muito tempo. Está ganhando corpo uma crise como nunca houve antes, cuja eclosão arrastará toda a economia mundial para uma situação de caos e quebradeira universal.

Ao grande capital está reservado, a perambulação dos capitais produtivos, o capital financeiro diretamente empregado nas cirandas financeiras e no armamentismo.

Diante deste quadro temos algumas alternativas: não está descartado um grande *crash*, pois, enquanto o PIB mundial é de US\$ 43 trilhões, alguns quatrilhões de dólares giram na especulação financeira, fatos que impõem ao capital acelerar sua agenda e dar um tom de urgência urgentíssima para atacar, das mais diferentes formas, os trabalhadores de todo os países a um só tempo. Não basta arrochar o salário direto, estabelecendo um valor

rebaixado ao extremo, como no caso chinês, onde o valor da hora paga chega a US\$ 0, 27, ou no Brasil, que tem valor da média horária de US\$ 4,24. O capital entende que é preciso, na salvaguarda dos seus sagrados interesses, mas é preciso, do ponto de vista do capital, atacar os salários e direitos conquistados com muita luta e, várias vezes, com derramamento de sangue, promovendo as tais “reformas” como as que estão sendo levadas a efeito nas esferas trabalhista e previdenciária.

Essa ofensiva requer também dos capitalistas um claro ataque às organizações e às lutas do proletariado, haja vista o que se passou na Inglaterra de Margareth Thatcher nos anos 80, onde as organizações sindicais, enraizadas no local de trabalho, foram transformadas em dóceis aparatos da ordem do capital. A Reforma Sindical apoiada pelas centrais aponta no sentido de acentuar a docilidade dos sindicatos no Brasil. Impedir que os trabalhadores se organizem livres do controle do Estado e da burocracia, tornou-se mais uma trincheira a ser derrotada pela burguesia imperialista.

Ao lado da desregulamentação do trabalho no globo, da barbarização das relações trabalhistas, previdenciárias, da destruição dos serviços Públicos, como a educação, saúde e etc., comparecem as disputas e a corrida armamentistas e as guerras. A política de guerra cumpre dois importantes papéis, destroem forças produtivas propiciando as forças da reconstrução. Para os americanos, quanto maiores as forças de destruição das forças produtivas, já comparece uma possibilidade de aquecimento da economia; com a reconstrução, os apetites se completam.

Um rápido diagnóstico como o acima esboçado, coloca, para todos nós trabalhadores do mundo, uma velha, mas sempre atual consigna: o enfrentamento dos capitalistas em cada país sob uma unidade internacional, ação que só pode ter êxito se dirigida por um centro revolucionário e um programa universal para pôr abaixo o capitalismo.

O GOVERNO LULA, COMO AGENTE DESTA POLÍTICA, ESTÁ TOTALMENTE BLINDADO PELO IMPERIALISMO E PELA CMS (COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS - CUT, PC DO B, MST, ETC.).

O segundo mandato do governo Lula está até agora blindado pelo capital financeiro e todos os segmentos da burguesia imperialista. As disputas internas entre as diferentes frações burguesas apresentadas em forma de denúncias de corrupção, não foram estancadas com a reeleição do ex-metalúrgico. Elas são postas cotidianamente, mas até agora não foi o suficiente para atingir o núcleo forte do governo e, mesmo algumas denúncias contra aliados importantes, como o do senador Renan Calheiros e do apadrinhado de José Sarney e hoje ex-ministro das Energias, Silas Rondeau, diminuíram a blindagem econômica e política do gerente do Estado capitalista brasileiro. Para o grande capital interessa agora que Lula mantenha as condições de governabilidade para acelerar as reformas que estão a meio caminho, como: a da Previdência, a Trabalhista/Sindical, a Universitária e a Tributária.

Na mesma mão dessa blindagem imperialista, encontram-se a CUT, o PC do B, o MST que, através da CMS, lançam uma grande névoa na consciência do proletariado brasileiro emperrando um enfrentamento aberto contra o governo.

A prova recente disto é a “campanha” promovida conjuntamente pela CMS e várias centrais sindicais, todas com grande tradição no peleguismo, como é o caso da Força Sindical, tão conhecida pela entrega de direitos dos trabalhadores, durante os 8 anos de FHC. Em uma jogada de puro marketing de propaganda, tanto para si como para defender o governo Lula, as 5 centrais sindicais se “opuseram” à derrubada do veto à Emenda 3.

Porém, essas mesmas centrais não se colocaram contra a aprovação do Supersimples pelo Congresso, o qual oferece aos micros e

pequenos empresários a faculdade de flexibilizar as leis trabalhistas garantidas em vários anos de luta. Por que essas centrais e a própria CMS, que se colocam na suposta defesa dos trabalhadores, não reagiram aos ataques promovidos pelo presidente LULA contra as greves nos chamados serviços essenciais, particularmente dos servidores públicos?

Da mesma forma perguntamos: por que o governo de plantão, defendido em todos os atos promovidos por essas centrais sindicais, realizou a Reforma da Previdência, criou as PPPs, está aplicando a reforma universitária, e que, também em breve, enviará para o Congresso Nacional, formado por mensaleiros e sanguessugas, uma nova proposta de reforma trabalhista e previdenciária? Por que tal governo tem sido tão draconiano com os trabalhadores e bonzinho com os empresários?

Mas, se de fato as centrais sindicais se uniram em nossa defesa como dizem e pousam agora de redentoras da luta da nossa classe contra os ataques da burguesia, por que essas centrais não fizeram esta unidade contra a demissão de milhares de operários da Volkswagen, filiados ao sindicato dos metalúrgicos do ABC e dirigidos pela CUT/PT? Por que esse sindicato governista indicou para a direção da montadora alemã, Volkswagen, nomes de companheiros da comissão de fábrica que faziam oposição ao PT/CUT para compor o famigerado Plano de Demissão Indicado (PDI)? Onde estavam as centrais sindicais quando o governo, que elas defendem, aprovou a reforma da previdência e o SUPERSIMPLES?

Na verdade, esses aparatos em nada lembram organizações em defesa dos nossos interesses. Os burocratas que as dirigem só fazem uso das mesmas para enriquecer. Ou como trampolim para ocupar cargos no Estado, nas estatais, nos poderes parlamentares e nos executivos — como é o caso de Luis Marinho, ex-presidente da CUT e hoje ministro da Previdência, entre outros.

A esses senhores nenhum crédito, nenhuma esperança. Já passou o tempo que falavam de GREVE GERAL. Agora, propõem é a retirada desse valioso instrumento de luta.

Os dois pesos e as duas medidas das centrais sindicais governistas já são esperados e não devemos ter nenhuma surpresa nisto.

EM DEFESA DA LUTA DIRETA DOS TRABALHADORES: ORGANIZAR A GREVE GERAL

Diferente é o que se esperava da Conlutas, dirigida pelo PSTU, e a Intersindical defensora do programa do PSOL. Essa pretensa vanguarda dos trabalhadores também embarcou na defesa ao veto da Emenda 3, contribuindo diretamente para lançar mais névoa na consciência da grande massa do proletariado. Para implementar o dia 23 como “dia nacional de luta” conjuntamente com o peleguismo da CUT, CMS, Força Sindical etc, defenderam, nas categorias em luta, essa mesma data para realização das assembléias e paralisações, enquanto a base estava disposta a fazer greve independente desse acordo.

Em nome do acordado com as centrais sindicais, o PSTU e o PSOL desconsideraram os 20 mil professores estaduais que participavam da assembléia e que tinham disposição para uma ação grevista. Naquele momento, era a defesa da greve o único caminho para barrar a aprovação do SPPREV; porém, em seu lugar, preferiram servir de porta vozes da Articulação e propor uma outra data para a assembléia, o que valeu a derrota do movimento. Fato idêntico aconteceu na luta dos bancários do Banco do Brasil, ameaçados com mais de 12 mil demissões. Enquanto no Ceará, Salvador e Florianópolis as assembléias dos bancários indicaram paralisação para o dia 16/05, a dupla PSTU/PSOL, em outras regiões, defenderam a data do dia 23/05, uma forma de privilegiar o acordo com a pelegada.

Tal política criminoso da Conlutas/PSTU e da Intersindical/PSOL/PCB deve ser superada pelos autênticos

combatentes revolucionários e por toda a classe. Não podemos aceitar o que fez o Partido do Socialismo e Liberdade, quando este apoiou e votou no Supersimples. A política da “frente de esquerda”, uma nova versão da frente popular, tem contribuído para o enfraquecimento da luta direta dos trabalhadores e ajudado indiretamente o governo Lula, além de dar uma mãozinha na sua blindagem. É hora de romper com os acordos cupulistas e defender um programa de ação direta, que possa avançar as lutas e a consciência da classe trabalhadora para pôr abaixo todos os governos de plantão e, mais do que isto, pôr abaixo a ordem do capital.

Para começar a enfrentar tamanhos desafios e, entre eles, a convocação e a realização de uma greve geral de massa, é chegado o momento de a classe operária assumir, para si e para os seus aliados (desempregados, camponeses, etc.), meios de luta como: a) uma política geral e uma luta *anti-capitalista* clara; b) tática de radicalidade crescente, no centro das quais a *greve geral*; c) organização de formas independentes, desatreladas do Estado, do governo e do capital, formas que apontem para a *forma conselho/soviets* – uma Central Soviética - que será, no final das contas, a forma superior e central de união e das lutas decisivas do trabalho contra o capital, quando a crise em andamento se converter em crise de poder para o capital e abrir a possibilidade, pela primeira vez, nos últimos 100 anos, de pensar, ele próprio, no Poder, não mais, como antes lhe foi passado, num só país, mas simultaneamente em vários países.

CONSTRUIR OS COMANDOS DE BASE

A defesa da Central Proletária não se fundamenta por ser uma união das correntes revolucionárias ou socialistas e sim, em dotar o movimento operário, camponês, estudantil e popular brasileiro com uma política e formas de organização que correspondam aos interesses

históricos do proletariado mundial. Este é o diferencial.

Esta forma de organização já fôra fundamentada pelo Movimento Operário Internacional, assinalando que na época da burocracia sindical e a estatização dos sindicatos a ordem das organizações operárias passou a ser: Partido, Soviets e Sindicato.

A política do proletariado correspondente à fase superior do capitalismo (imperialista), pressupõe não enganar as massas da cidade e do campo com possibilidade de concretizar reformas de nosso interesse dentro deste sistema. Mas, isto não significa abandonar a luta pelas reivindicações destas, pelo contrário. Nossa disposição de luta por estas reivindicações deve ser superior a todo e qualquer agrupamento, pois sabemos que até os partidos e agrupamentos burgueses estão presentes nas lutas do proletariado e suas reivindicações.

Nossa tarefa é a de organizar a luta direta pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores, dar vazão às energias das massas, organizando-as nos sindicatos, nas comissões de fábricas, nas oposições sindicais, nas escolas com os grêmios, CAs e DAs, no campo, nos bairros, nas Associações e Movimentos. A união destes organismos em uma organização que seja capaz de corresponder aos anseios das massas e a seus objetivos históricos só pode ser a da união pela base, nas suas organizações próprias, cumprindo assim a Central a centralização nos Comandos de base ou Conselhos de Base e uma estrutura organizativa, em nível nacional, além da luta para torná-la internacional.

OS COMANDOS DE BASE OU CONSELHOS DE BASE

Os Comandos de Base como forma de romper com o corporativismo e a burocracia.

Os Comandos de Base como forma de romper com o Sindicalismo Reformista.

Os Comandos de Base formados pelas Comissões de Fabricas, Movimento Sindical de base, Oposições Sindicais, Associações, Movimentos, Grêmios, Centros e Diretórios

Acadêmicos; enfim, todos os grupos em luta refletindo as bases e suas Assembléias deliberativas.

Os Comandos Municipais, buscando o confronto ao poder oficial e burguês, Comandos Regionais e Estaduais; enfim, Comandos Nacional destes organismos em luta.

Vários serão os fatores de conquista que representará esta forma de Organização:

O burocratismo se sustenta no afunilamento da representação. De forma que ao chegar ao nível Nacional já está totalmente descaracterizado o poder e a vontade das bases. As negociações acabam tomando o lugar das deliberações das massas. A independência de classe fica só na conversa mole. Com os Comandos de Base encontraremos a forma das massas organizadas se expressarem, intrínseca a esta a independência política em relação ao aparato burguês.

O corporativismo que se torna um instrumento do atraso político, do localismo e também de burocratização, visto que tende ao isolamento e a luta, de parte econômica, tão somente, sendo mesmo de ambições particulares e possibilitando inclusive a luta de um setor dos oprimidos contra outros. No corporativismo e no localismo ou no particularizado não se obtém a visão do geral, que ao ver dos interesses históricos da classe operária é internacional.

A estrutura de organização defendida e praticada hoje pela Coordenação da CONLUTAS por cúpulas das entidades e com poder decisório em Brasília se torna uma falácia de democracia, ou melhor, se torna uma variante de um parlamento ao estilo burguês.

Esta política só complementa a realidade em que já vive o Movimento Sindical, Camponês, Estudantil e Popular brasileiro. A estratégia neste caso será mesmo os dias 25 de março e os dias 23 de maio. Uma coalizão de classe, representada no mais fiel embrião de Frente Popular, uma disputa entre frente popular, a petista e a conlutista. A arena desta disputa não poderá ser outra que a via eleitoral. Para isto a burocratização é a ferramenta própria. Assim, por mais que digam o

contrário, o rompimento com a CUT se torna mera formalidade.

A estratégia pretendida é o Socialismo?

Se a resposta for positiva a organização que temos a obrigação de construir mesmo no campo sindical, operário e camponês, estudantil e popular, há que corresponder a este objetivo estratégico.

Para que esta forma de organização se dê, e para que envolvamos as massas nesta, a democracia operária, deve compreender, não somente a votação de maioria e minoria e sim o exercício da mesma em toda sua plenitude se torna indispensável. Esta Democracia operária pressupõe que as decisões sejam tomadas por estas bases. As **Assembléias operárias e populares** se manifestarão, aqui sim, com independência de classe e já darão os primeiros passos no sentido da manifestação comunal, da necessidade do seu armamento e da ditadura das massas sobre os exploradores capitalistas. Só assim podemos ser conseqüentes nas reivindicações de: romper com o imperialismo, não pagar as dívidas externa e interna aos capitalistas e ao imperialismo; só assim podemos falar da repartição da terra dos latifúndios (Revolução Agrária e não Reforma Agrária); só assim podemos falar com todo potencial, **abaixo o capitalismo, viva o Socialismo!**

Para que esta forma de organização se dê, e que envolvamos as massas nesta democracia operária, será necessário que as direções destes organismos tenham seus mandatos revogáveis a qualquer momento pelas Assembléias Gerais livres;

Para que esta forma de organização se dê, e que envolvamos as massas nesta democracia operária, os dirigentes destas organizações e movimentos não poderão viver do movimento e sim viver para o movimento. A remuneração será a mesma de sua profissão, sem nenhum privilégio, será exercida uma rotatividade destes dirigentes e seus mandatos serão imperativos das Assembléias, ou seja, terão a representação para executar as ordens das Assembléias e não para fazer, pensar, falar e decidir em nome destas.

- Abaixo a política dos burocratas e de conciliação de classes!
- Viva a organização independente do proletariado internacional!
- Viva a Democracia Operária!
- Viva a luta pelas reivindicações imediatas: emprego para todos - divisão do trabalho necessário à todos trabalhadores; salário mínimo real conforme se paga nos países imperialistas de (800 a 1200 dólares ou R\$ 1.520,00 à R\$2.280,00; escala móvel de salário, reajuste automático assim que os comitês operários de vigilância de preço detectar variação nos preços e do índice de inflação; manutenção e ampliação dos direitos trabalhistas e sociais dos trabalhadores; defesa da saúde pública para todos; terra e condições de trabalho para todos os camponeses; estatização do sistema bancário e sua transformação em um banco único para financiar a produção coletiva e o usufruto coletivo na cidade e no campo; Escolas e Universidades de boa qualidade (estatal e controlada pela comunidade escolar), gratuita e laica para todos, fins da marginalização e discriminação dos vestibulares.
- Viva uma Central Operária em que reúna todos os lutadores da cidade e do campo, pela base, como SOVIETES.
- No início como agrupamento de todos os lutadores e da base (do Movimento Operário e Sindical da Cidade e do Campo, do Movimento Camponês, Estudantis, Associativo, de gêneros, em fim dos oprimidos), na democracia operária e na luta direta e no caminhar desta luta e organização, como SOVIETES mesmo;
- Viva uma Central Operária que seja a casa dos oprimidos pelo capital em uma trincheira de luta das massas, com o Movimento operário dando as formas de Organização e de luta, direcionando-a;
- Abaixo a dominação do capital e sua barbárie;
- A classe operária é Internacional; Viva a luta Operária, Camponesa, Estudantil e popular;
- Viva a Luta pelo Socialismo
-

Comitê Anticapitalista e Antiimperialista e de Luta Direta.

Abaixo transcrevemos integralmente o chamamento lançado pelo Conselho de Cooperação de Organizações e Ativistas do Movimento Operário dos trabalhadores do Irã (publicado tão logo tomado conhecimento deste, nós enviado pela LOI-CI, que ainda está latente no cotidiano dos trabalhadores iranianos e de nós mesmos). Também publicamos o balanço que fazem os ativistas nos EUA (também publicado no EL ORGANIZADOR OBREIRO DA FLT) a propósito de suas lutas em seus "1° de Maio" de 2007; endossando que o internacionalismo proletário se faz necessário e presente, principalmente, mediante a selvageria e repressão dos governos da barbárie capitalista em todo o mundo no bojo do imperialismo. Este mesmo imperialismo que acomete os trabalhadores do Irã e EUA, tal como descrito nas declarações abaixo, de modo semelhante ou pior, aonde quer que osem levantarem-se os explorados em luta.

Fortalecer o internacionalismo proletário, a chama da luta dos explorados contra o capital e resgatar a história viva do verdadeiro sentido desta data reivindicada pelos operários como sendo realmente um dia de LUTA e LUTO; tal é o objetivo desta publicação não obstante

tão retrógrado as últimas manifestações do 1º de Maio movidas pelas forças reformistas de traição do movimento operário brasileiro.

Chamamento do Conselho de Cooperações de organizações e ativistas do movimento operário iraniano

**Chamamento às organizações e ativistas do Movimento Operário mundial!
Irmãos e Irmãs de nossa classe!**

Este ano, como em anos anteriores, os trabalhadores do Irã comemoram o Primeiro de Maio sob condições de não ter absolutamente nem organizações (legais) nem direitos. Duras são as condições que reinam hoje sobre o futuro dos trabalhadores e dos professores do Irã. Miseráveis estandartes de vida, dificuldade para chegar ao fim do mês com nossos salários, que estão muito abaixo da linha da pobreza, os empregos precários e os atrasos constantes no pagamento dos magros salários, que em alguns casos se estendem até 32 meses, têm empurrado os trabalhadores até a profundidade de uma vida em condições calamitosas. Inclusive, sob estas condições, sofrendo a pressão de várias formas de repressão e de perseguição pelas forças da seguridade, os trabalhadores saíram com força

às ruas a manifestarem-se no Primeiro de Maio e exigiram, junto a outras demandas, organizações de trabalho livres (quer dizer, legalizar suas próprias organizações, independentes do Estado, NT). Esta é sua situação, apesar de que o governo iraniano, ao aceitar as convenções de 87 e 98 da OIT, deveria ater-se e cumprir os propósitos dessas convenções. Porém pelo contrário, longe de fazê-lo, não permite nenhuma ação independente e trata com dureza os trabalhadores em todos os âmbitos da luta.

O Primeiro de Maio este ano dos trabalhadores em várias cidades iranianas, incluindo Teherán, Kermanshah e Sanandaj, se determinaram a ter seu próprio ato independente como em anos anteriores, inclusive sob a presença muito numerosa e ameaçadora da polícia. Como de costume foram atacados pelos agentes das forças da seguridade. Porém o ataque em

Sanandaj (no Kurdistan iraniano) foi feito de uma maneira particularmente selvagem.

No primeiro de maio os trabalhadores com suas famílias se agruparam diante da oficina de Relações Trabalhistas em Sanandaj para comemorar o dia de maio. Vendo a presença muito forte da polícia e temendo uma intervenção da mesma, os trabalhadores se viram forçados a ler no início do ato a declaração que se havia preparado. No momento em que o último artigo da mesma foi lido, as forças da seguridade atacaram a multidão que participava no ato e procuraram prender aos seus organizadores. Isto encontrou a resistência dos trabalhadores e de suas famílias. Esta violência se prolongou por meia hora.

Então uma guarda especial (a tropa de choque) veio ao local. A partir deste momento os trabalhadores se confrontaram com a selvageria mais desenfreada. A tropa de choque acometeu violentamente os trabalhadores, afastando-os e forçando as suas esposas e filhos pequenos a dispersarem-se e buscar refúgio nas ruas próximas. A força especial antioperária utilizou helicópteros com gás pimenta e outros produtos químicos que causam inconsciência na gente, lançando-os nos olhos e rostos dos trabalhadores e, uma vez caídos, continuou agredindo-os nos pés com porretes. Cerca de 20 trabalhadores que estavam desmaiados por efeito do gás de pimenta, dos produtos químicos e dos golpes de porrete foram arrastados e levados à prisão. Alguns dos demais foram libertados pelas pessoas das garras dos policiais e depois puderam ser atendidos. As feridas de alguns trabalhadores são muito severas, incluindo braços e pernas fraturados, e outras lesões de similar gravidade. Todavia, as forças da repressão estão indo pelas casas e arrastando aos trabalhadores em Sanandaj seguindo uma lista negra previamente preparada.

Organizações de trabalhadores e ativistas de todo o mundo!

Em vista de que nossas próprias lutas estão aumentando dia a dia, assim como a de outras classes da sociedade iraniana, e apelando à solidariedade internacional dos trabalhadores, os trabalhadores iranianos contam com sua ajuda sincera a nível internacional, de modo que sob o escudo protetor da solidariedade internacional dos trabalhadores possamos fazer retroceder aos que nos reprimem. E, ao mesmo tempo em que lutamos para que libertem os trabalhadores encarcerados, sigamos lutando por nossas demandas de uma maneira cada vez mais firme.

Organizações de trabalhadores e ativistas de todo o mundo!

Nós, os trabalhadores iranianos pedimos que, em nome da solidariedade internacional da classe operária, apoiem as lutas dos trabalhadores iranianos de toda a forma possível. Contamos com vossa ajuda por obter os direitos

dos trabalhadores, dos docentes e outros setores da classe operária iraniana; pela liberdade de Mahmoud Salehi, que se encontra encarcerado e condenado por participar nos atos do Primeiro de Maio de 2004; pela libertação incondicional dos que foram arrastados durante o ato do Primeiro de Maio deste ano; a proibição de qualquer forma de molestamento, perseguição, vigilância e detenção de trabalhadores e de ativistas do movimento operário; assim como a liberdade para a criação de organizações livres e o fim das repressões selvagens.

Conselho de Cooperação de Organizações e
Ativistas do Movimento Operário
4 de maio de 2007

Os escravos de ontem e os de hoje, unidos contra o mesmo amor!

Em Nova Orleans não houve atos de Primeiro de Maio. A cidade, até antes do furacão Katarina, uns 60% de negros, é hoje uns 60% "latinos". A ação do governo de recolocar os sobreviventes por todo o território dos EUA, despojando-os de suas velhas casas, e o "estado de emergência" – que chega a dois anos de vida – decretado por Bush e os empresários, de tomar pessoal para limpar e reconstruir as zonas afetadas com menos que o salário mínimo e sem benefícios sociais, têm chegado a cidade trabalhadores imigrantes desesperados por conseguir trabalho, que vivem em condições ainda piores em seus países de origem. Os trabalhadores, majoritariamente mexicanos, salvadorenhos, etc, se reúnem em uns 20 pontos da cidade a esperar os caminhões dos empresários, que os usam pelo dia para trabalho de demolições, limpeza, pintura ou telhado. Trabalham sem proteção e sem máscaras, nem assistência médica e seguros de acidentes. Se queixam, freqüentemente porque não lhes pagam a tempo ou lhes dão menos dinheiro ainda que o pouco prometido, os patrões os fazem queixas

pela polícia, para espanca-los antes de os tirarem da cadeia. A justiça exigem o pagamento de fianças de várias centenas de dólares, que geralmente não podem pagar, e recebem dias de cadeia por vadiagem e escândalo público, por estarem reunidos num piquete.

A polícia também se dedica a desmanchar as barracas aonde dormem alguns destes operários. Freqüentemente, alguns são desalojados das suas miseráveis pensões onde moram. É comum que enquanto se dirigem ao seu trabalho nas caçambas dos caminhões, recebam pedradas e vassouradas de marginais que se reúnem as esquinas a gritar-lhes: "Ladrões, violadores, escória, voltem ao México!".

Em fevereiro, 17 trabalhadores foram arrastados em uma operação de rotina em um subúrbio. Porém desta vez saíram sob fiança, porque uma associação de sobreviventes negros, o New Orleans Survivor Council, pagou a mesma. Os jornaleros, que pertencem a uma associação de base de trabalhadores latinos

chamada de Congresso dos Jornaleiros, em demonstração de gratidão, decidiram reformar voluntariamente com seu trabalho e material ajuntado por eles, a casa da anciã dos membros da associação de sobreviventes, a qual tanto o governo quanto as seguradoras haviam abandonado e estafado.

Neste Primeiro de Maio, 60 trabalhadores, entre imigrantes e da comunidade negra, se reuniram na casa da anciã – que brilhava agora seca, reformada e pintada –, com guitarras, bandejas de frango assado e salsichas e

bebidas. Um dos membros maior do Conselho dos Sobreviventes, veterano em movimentos por direitos civis dos negros se dirigiu aos presentes, saudando a unidade dos Afroamericanos e os Latinos, de “os negros e os marrões, os mais pobres entre os pobres” e terminou com um grito: “Os velhos escravos e os novos escravos, desde o Norte até o Sul, estão se unindo contra o mesmo amo!”.

Na realidade, sim, se comemorou o Primeiro de Maio em Nova Orleans. O imperialismo yanqui tem por que inquietar-se.